

GARANTIA DE DIREITOS E HISTÓRIAS JUVENIS

Coordenador: GISLEI DOMINGAS ROMANZINI LAZZAROTTO

Autor: LÚCIA KARAM TIETBOEHL

O Grupo de extensão Estação PSI - Estudos e Ações em Políticas de Subjetivar e Inventar desenvolve ações no contexto das políticas públicas afirmadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sendo que a experiência tem como público os adolescentes atendidos no Programa de Prestação de Serviço à Comunidade (PPSC/UFRGS), e no Programa Interdepartamental de Práticas com Adolescentes e Jovens em Conflito com a Lei (PIPA), iniciativa que reúne uma equipe que desenvolve ações interdisciplinares ao agregar o Grupo Estação Psi, o PPSC e o Serviço de Assessoria Jurídica Universitária (SAJU) da Faculdade de Direito. Como integrantes de uma equipe interdisciplinar de extensão passamos a ser demandados para acompanhar adolescentes e equipes que vivem a complexidade dessas questões em diversos contextos. Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) a medida socioeducativa é determinada quando verificada a prática de ato infracional (crime ou contravenção penal praticada antes dos 18 anos) e envolve aspectos coercitivos (responsabilização pelo ato infracional) e aspectos educativos (articulação de questões pedagógicas, terapêuticas e sociais). Entre essas ações emerge uma indagação: "o que é uma medida socioeducativa?". Atividades de extensão disparam análises que fomentam a pesquisa e a formação, nos levando a fazer da pergunta sobre o que constitui uma medida socioeducativa um analisador de nossa prática. Para tal, assumimos uma atitude de diálogo, compartilhando a construção dessa análise com o público juvenil e com equipes que os acompanham. Nosso objetivo é criar uma estratégia de acompanhamento com a rede de relações institucionais que compõe a vida de jovens atendidos/as, na perspectiva de afirmação de direitos e da política pública. A garantia de direitos emerge nas narrativas de histórias que a psicologia acolhe e faz rede, entre saberes e instituições, para que os percursos de escuta com adolescentes, familiares e trabalhadores, afirmem essas expressões como possibilidades de exercício de cidadania. Metodologia: A escolha por pensar a produção social dos modos de ser e viver juvenis emerge de uma trajetória ligada à educação e à psicologia social numa estratégia interdisciplinar que constrói nosso modo de fazer extensão. Assim, os saberes são problematizados na interação com a comunidade, criando condições para um diálogo entre diferentes saberes, na heterogeneidade que constitui os modos de viver. O trabalho de extensão é realizado com uma equipe formada por

profissionais e estudantes das áreas do Direito, Educação, Psicologia, entre outras. O acompanhamento da psicologia junto aos adolescentes se dá em oficinas socioeducativas, no acompanhamento juvenil, em reuniões com familiares, além dos percursos itinerantes na rede pública às quais os jovens possam estar vinculados. Conforme a situação apresentada pelo/a adolescente, um integrante da equipe torna-se o acompanhante de referência, sendo analisada a estratégia de intervenção na reunião semanal de equipe. A busca pela escola, atendimento de saúde, a escolha de um curso, entre outros, são dispositivos de aproximação e diálogo. Resultados e Discussões Para afinar nossa prática em extensão revisitamos os diários da equipe e compartilhamos alguns trajetos de acompanhamentos: " (...) Entendo que a experiência de oferecer uma oficina de papel à comunidade junto à sua orientadora foi uma experiência interessante para o C., pois pôde experimentar a posição de quem tem algo a ensinar e é demandado desta forma. Apropriou-se deste lugar e foi valorizado por isso. Pôde elaborar uma atividade em equipe lado a lado a adultos, o que afasta-o do lugar de discriminação onde muitas vezes são colocados jovens em medidas socioeducativas (e outros jovens, independente da situação que vivem). Ao analisar seu próprio percurso desde que iniciou a medida, C. recorda que quando "caiu" achou muito ruim, mas reflete dizendo que, se soubesse de tudo o que aconteceria desde então, não teria se preocupado tanto, pois também lhe aconteceram coisas boas. Pergunto que coisas são essas, diz sobre "parar de vender" e o fato de ter aprendido a fazer todas as coisas que aprendeu no laboratório de reciclagem. Quando pergunto se acha que essas mudanças tem a ver com o lugar em que foi cumprir a medida e com as pessoas que conheceu ali, concorda prontamente, valorizando e agradecendo à orientadora G. (que se emociona bastante neste momento, o que emociona o C. e faz com que eu me emocione junto). Ao conversarmos sobre o fim da medida, C. ressalta que gostaria de continuar desenvolvendo o trabalho no laboratório. Elaboramos uma estratégia, junto a G., que consiste no oferecimento de um curso vinculado ao projeto de extensão, para que ele possa continuar sua formação na técnica em papel machê. E ele continua por desejar ficar, puxando outra linha de sua e de nossa história." Nestes percursos, feitos de singulares experiências de vida, compartilhamos com cada jovem a análise de possibilidades de como seguiriam seus trajetos de vida, bem como acionamos ações na rede de serviços que compõem esse trabalho, situando direitos e formas de assegurar o acesso à saúde, educação, lugares da cidade, políticas. A experiência de um adolescente, de um familiar, de um trabalhador, neste contexto, diz desta singular história a ser escutada e desdobrada em ações, mas enuncia também uma prática coletiva a ser pensada na afirmação da cidadania em nossa cidade.

Assim, podemos discutir no contexto escolar, por exemplo, situações com as equipes da rede de assistência social que encaminharam os jovens ao nosso Programa, com as Secretarias de Educação do Município e do Estado, bem como solicitarmos a manifestação da Promotoria Pública. No campo da saúde passamos a compor ações com a equipe de matriciamento em saúde mental da região de residência do jovem em acompanhamento para mapear formas de acolhimento. Percebemos que a escuta e consequentes modos de expressão que vão sendo acolhidos no acompanhamento que a psicologia realiza, em diferentes âmbitos deste trabalho, possibilita criar uma narrativa da experiência e enunciar tensões das políticas públicas vividas no percurso de cada um. Assim, o trabalho interdisciplinar vai mapeando possibilidades a serem desbravadas com o/a jovem na relação com seu próprio modo de ser à medida que amplia suas relações, experimenta lugares diferentes e compartilha análises dos movimentos de suas escolhas na produção social que o coloca neste ou naquele lugar. Um percurso que diz da história de cada adolescente e da história de um trabalho político e público a ser afirmado na garantia de direitos e conquista da cidadania. Conclusão Neste percurso de extensão desenvolvemos ações implicadas com a garantia da proteção e do atendimento ao conjunto de demandas apresentadas pelo público juvenil em sua diversidade. O viés interdisciplinar e a experiência articulada diretamente à participação de estudantes de graduação tensiona a academia, tornando evidentes as reflexões sobre como os conteúdos relacionados à juventude e às medidas socioeducativas são abordados nestes contextos. Entende-se que, ao intervir junto aos grupos em questão, agregando comunidade, professores, estudantes e funcionários da Universidade, o Estação PSI contribui no percurso que narra, dá visibilidade e atua na problematização da garantia de direitos para adolescentes e jovens.